

Diga Que Você Quer Uma Insurreição¹

Crimethinc

Nós também faremos – uma ruptura total com a dominação e a hierarquia em todas as suas formas, envolvendo um levante armado se for necessário. Até que isso seja possível, criaremos conflitos constantes, na tentativa de desenvolver nossas habilidades e encontrar companheiros, enfatizando o abismo entre nós e nossos opressores.

Mas como criaremos esses confrontos? Como garantir que esses confrontos fortaleçam mais a nós do que a nossos inimigos? Quais armadilhas nos esperam nesta estrada? E o que mais temos que fazer para tornar nossos esforços mais eficazes?

Nos últimos anos, uma pequena corrente tem ganhado visibilidade nos círculos anarquistas dos EUA, priorizando temas como insurreição e conflito social. Como em qualquer meio ideológico, é bem mais diverso do parece de longe. Algumas tendências enfatizam o confronto em si mesmo, ao invés de um meio para se obter reformas; outros concebem a revolta como um meio para se construir o poder dos oprimidos por fora de organizações estáticas. O ponto em comum é que todas têm como temática central a crítica às instituições formais e o foco no ataque.

O quão efetiva essas estratégias são para alcançar seus objetivos professados? Para responder a essa questão, não podemos simplesmente estudar a teoria insurrecionária no vácuo; temos de olhar para as ações associadas no contexto dos EUA. Na prática, nem sempre é fácil dizer onde as considerações estratégicas terminam e as questões de temperamento emocional e psicológico começam; neste caso, ambas são

relevantes. Muitas das coisas que discutiremos a seguir não são muito uma questão do que os insurrecionários diziam, mas mais do que faziam.

Isso é especialmente interessante para nós, porque somos insurrecionários de alguma forma, independente de usarmos ou não esse adjetivo. Por mais de uma década, nos focamos em lutas confrontacionais baseadas em iniciativas individuais, redes informais e organizações com objetivos específicos. Começando com yomango² e vandalismo, passando por confrontos de rua e construção de ações diretas clandestinas, descobrimos as vantagens e desvantagens dessa abordagem em nossa própria pele. Sempre se é mais crítico com o que está mais próximo do seu coração: mais ansioso em ver as conquistas, e mais preocupado com os possíveis erros.



De certa forma, essa é uma linha de pensamento bem antiga – provavelmente mais antiga do que alguns de seus partidários presumem. Pode-se traçar essa genealogia na disputa entre Marx e Bakunin sobre as formas de organização na Comuna de Paris. Alguns insurrecionários veem precedentes na propaganda pela ação³ levado a cabo pelos ilegalistas e expropriadores no século 19, associados a Julies Bonnot⁴ e seus/suas companheirxs. Podemos traçar a linhagem atual da teoria insurrecionária a partir de Errico Malatesta e Luigi Galleani⁵, passando pelos trabalhos de Alfredo Bonanno⁶ e Jean Weir⁷, e outros que tentaram desenvolver as lições das lutas sociais dos anos 1960 e 1970.

Ao mesmo tempo, a nova onda de ideias insurrecionárias nos EUA é um fenômeno novo, onde a alta taxa de rotatividade nas comunidades anarquistas, na maioria das vezes os condenam a reaprender as mesmas lições repetidamente. Dificilmente pode-se culpar as novas gerações por isso – talvez as gerações mais antigas por abandonarem e se recusarem a

se comunicar. Anarquistas mais experientes têm de ser especialmente cautelosos, sem serem hostis e sem negar o otimismo dos companheiros mais jovens. Há 10 anos atrás, éramos os novatos cuja nova energia e ideias confusas provocaram todos os tipos de veteranos; tínhamos a habilidade em aprender com algumas de suas críticas, não graças a eles, mas o seu desdém contribuiu para que adotássemos uma postura defensiva e para que eles se marginalizassem. Se aceitarmos os papéis de baixo desta pirâmide agora, podemos condenar aqueles que virão depois de nós a repetir o mesmo exemplo.

Neste espírito, vamos começar com as vantagens da insurreição como um ponto de partida.

Começando da Revolta...

“O ataque é a recusa da mediação, pacificação, sacrifício, conformismo e da negociação da luta. É através da ação e aprendendo a agir, e não pela propaganda, que abriremos o caminho para a insurreição, embora discussões e análises tenham um papel importante. Esperar somente ensina a esperar. Agir somente ensina agir.”

Anarquismo Insurrecionário:
Organizando Para atacar, em Do or Die #10⁸

Muitas organizações e movimentos, incluindo alguns que são explicitamente anarquistas se comprometeram a desafiar os poderes assim que suas bases estiverem, mas o mundo está sempre mudando e alguns só descobrem que o terreno mudou, somente quando estabelecem uma base. Uma vez que se é acostumado a esperar, mesmo que seja somente uma questão de se preparar um pouco mais, é sempre mais fácil esperar. A revolução, assim como paternidade/maternidade e todos os outros momentos da vida, é algo que nunca se está suficientemente preparado.

Frequentemente essa preparação é feita em termos da necessidade de se expandir e educar. Mas até que haja um conflito, até que as linhas

estejam desenhadas, não há nada para falar. A maioria das pessoas se mantem indiferentes a discussões teóricas, mas quando algo está *acontecendo*, quando as apostas são altas e eles conseguem ver diferenças concretas entre os lados opostos, aí eles se posicionam. Ao forçar tais rupturas, pode-se obrigar aqueles que escondem alianças autoritárias e capitalistas a mostrar sua verdadeira face, enquanto oferece a todo o resto a oportunidade formar *outras* alianças.

Através da interrupção do consenso e da paz social os confrontos tornam a injustiça visível e legitimam a raiva que outros possam sentir também. Quando a neblina da submissão universal aparente é dispersada, aqueles que querem lutar podem finalmente se encontrar – e a prontidão pra lutar é uma base melhor para lutar do que o mero acordo *ideológico*.

Às vezes, para acertar um alvo, deve-se mirar para além dele. Talvez nos EUA pacificado, deva-se negar todo o tipo de negociação e deliberação, na tentativa de resistir à cooptação e estagnação. Através da interrupção do consenso e da paz social os confrontos tornam a injustiça visível e legitimam a raiva que outros possam sentir também. Quando a neblina da submissão universal aparente é dispersada, aqueles que querem lutar podem finalmente se encontrar – e a prontidão pra lutar é uma base melhor para lutar do que o mero acordo *ideológico*.

A forma da ação imediata de alguém deve ser compatível com seus objetivos a longo prazo. Focar em conseguir reformas tende a contribuir para o desenvolvimento de uma lógica reformista. Se você quer destruir todas as formas de dominação, é melhor começar a confrontá-las desde o princípio.

... e se Difundindo em Resistência

“[...] o anarquismo insurrecionário, portanto, coloca uma importância particular na circulação e na difusão da ação, não na revolta administrada, para que nenhum exército ou força policial sejam capazes de controlar a distribuição generalizada de tais atividades autônomas. [...] o que o sistema teme não são esses atos de sabotagem em si, mas que eles se espalhem socialmente.
Ibid



Quase todas as tendências do pensamento insurrecionário enfatizam a necessidade de se espalhar a revolta. Essa é uma das bases mais importantes, então, é por ela que pode-se avaliar os esforços insurrecionários.

Se tanto o adiamento quanto a ação tendem a gerar mais do mesmo, então se alguém age, faz um convite a outros a fazerem o mesmo. Este é um argumento para a realização de ações que outros podem facilmente reproduzir, na esperança de que elas se espalhem.

De qualquer forma, essa é a ideia. Às vezes, é claro, anarquistas implementam ações que os outros poderiam reproduzir facilmente, mas ninguém o faz. Quais *outros* fatores permitem que uma ação inspire outras ações?

Mesmo se o Contexto não for Favorável

“Somos anarquistas insurrecionários... porque, ao invés de esperar, decidimos continuar agindo, mesmo se o contexto não for favorável.”

Alfredo Bonanno *The Insurrectional Project*

É uma questão de fé entre os insurrecionários de que não se deve esperar pelas condições materiais apropriadas, mas sim atacar imediatamente. Como uma defesa contra esse tipo de adiamento descrito anteriormente, isso faz total sentido; como uma obrigação moral, como um axioma para guiar todas as ações, pode ser perigosamente contra-produtivo.

A teoria insurrecionária permite isso, mas na prática, insurrecionários nem sempre tomam a decisão mais sábia. Esse é um dos casos onde pode se tornar difícil diferenciar entre o insurrecionismo como um programa, com objetivos concretos e como uma questão de inclinação. Reagir imediatamente contra a opressão sem pensar nas consequências é lindo, e talvez uma tentativa de se recuperar valores igualitários em um mundo cada vez mais frio – mas nem sempre é estratégico.

Isso não impede que algumas pessoas coloquem-no como estratégico. Pessoas que cresceram em uma sociedade fundada em noções morais e leis cristãs frequentemente argumentam em suas próprias preferências como se fossem prescrições válidas universalmente. É surpreendente o quão condenadoras as pessoas que afirmam rejeitar a moral podem ser.

Então o insurrecionismo é uma religião ou uma estratégia? Se é uma religião, seus preceitos são atemporais e incondicionais: imperativos categóricos. Se, por outro lado, é uma estratégia, desenvolvida sob condições específicas, devemos pensar bastante sobre como essas condições podem ser diferentes das nossas, e como podemos nos ajustar em relação a elas.

Quando Bonanno formulou primeiramente suas análises nos anos setenta, a Itália estava no meio de uma sublevação que ameaçava completamente a ordem social; existiam correntes autoritárias e anti-autoritárias misturadas e se enfrentando, durante o confronto contra o governo. Ele não estava defendendo que surgissem confrontos onde não haviam, mas propondo uma estratégia organizacional que garantisse que os conflitos permanentes levem à liberdade e à autonomia. Anarquistas estadunidenses contemporâneos que leram *O Prazer Armado* nem sempre entendem isso, interpretando-o como um desafio para alcançar táticas em um nível pessoal.

É claro, numa sociedade baseada na competição e exploração sempre há conflitos, porem sutis. Não é preciso que se criem novos; já é o bastante lutar onde você está. Infelizmente a imaginação insurrecionária é limitada, frequentemente aos já bastante conhecidos modelos de ataque. Imagine um insurrecionário que vai pro trabalho ou pra faculdade durante a semana e quebra vitrines de banco durante os finais de semana – hesita em criar rupturas no tecido de sua vida cotidiana, enquanto de boa vontade se arrisca em delitos para destruir coisas fora dela. Se tal estilo de vida pudesse fazer sentido, ele ainda teria de ser escolhido cuidadosamente, em termos de quando e como “proceder à ação”. Não estamos convencidos de que isso faz sentido, mas isso não quer dizer que o insurrecionário em questão estaria melhor se quebrasse as janelas de seu local de trabalho.

Se “continuar agindo mesmo que o contexto não seja favorável” não significa pegar o objeto pesado mais próximo e jogar na pessoa mais próxima de uniforme, o que significa? Como decidimos quais os tipos de ações são as mais válidas?

Sobre o Mayday, algumas dúzias de mal-encarados fizeram uma baderna num centro comercial elitista no centro de São Francisco, quebrando janelas e lançando fogos de artifício. Mais tarde, um pronunciamento de um anônimo no Centro de Mídia Independente dizia, em partes:

“De Beers, Prada, Coach, Tumi, Wells Fargo, Longchamp, Macy's, Armani, Crate e Barrel, Montblanc, Urban Outfitters e Guess foram todas alvos de todo o tipo de políticas chatas pra caralho, mas primeiramente, que se fodam. Exploração é a norma da atividade econômica, não a exceção. Não

vemos nenhuma necessidade em revelar nossas listas de queixas e de solidariedade.”

Muita coisa mudou desde o “Comunicado do N30 Black Block pelo coletivo ACME”⁹, seguido pelo Black Block nos protestos contra o G8 em Seattle. Em 1999, o comunicado do Coletivo ACME foi amplamente lido e debatido, influenciando as políticas de uma nova geração, que viu mais sentido em se opor às corporações com pés-de-cabra do que com cartazes. Uma década depois, anarquistas vestindo preto ainda estão milagrosamente encontrando maneiras de quebrar janelas, apesar da repressão e vigilâncias crescentes – mas o comunicado, se não as próprias ações, parecem se direcionar somente àqueles que entendem e concordam.



Contra a Subcultura

Os meios culturais e ativistas devem ser particularmente evitados... Todos os meios são contra-revolucionários, pois o seu único objetivo é o de preservar o seu triste conforto.

Comité Invisible, *L'insurrection qui vient*¹⁰

Historicamente, o anarquismo insurrecionário tem focado na rejeição de estruturas organizativas estáticas. Nos EUA, onde organizações anarquistas muito antigas não são particularmente comuns ou poderosas, tem sido enquadrado recentemente mais como uma reação contra fatores *culturais*. Alguns insurrecionários entendem sua postura como uma ruptura com o que eles consideram como subculturas anarquistas desesperadamente passivas e assimiladas – bicicletas como um fim em si mesmo, trivialidades que nunca terminam em conflitos de rua, e por aí vai. Alguns ainda vão mais longe, rejeitando que a ideia de subcultura tenha algum potencial radical.

O que significa rejeitar a subcultura? Culturas são tão onipresentes nas culturas humanas quanto é a linguagem; você pode desafiá-la, pode até mesmo destruí-la, mas você criará uma nova no fim desse processo. De maneira geral, essa rejeição não parece derivar de algum tipo de doutrina mística que afirma que podemos escapar da cultura por si mesma – a forma como John Zerzan proclama a utopia primitivista sem linguagem –, mas mais como uma reação às identificações subculturais das gerações anarquistas anteriores. Como destrinchado na Rolling Thunder #8 [Disponível em crimethinc.com], quando os anarquistas de hoje atingirem a maioria, a cena punk que gerou a maioria de seus predecessores, estará hegemônica por elementos reacionários. Diante disso, rejeitar *uma* subcultura não foi suficiente – por que não rejeitar a própria subcultura?

Os insurrecionários mais jovens não foram os primeiros a se focar nisso: pode-se encontrar essa mesma retórica em livros como *Dias de Guerra, Noites de Amor*.¹¹ Antes de uma ideia ganhar muitos defensores, é fácil declarar que ela transcende a subcultura, uma vez que não se materializa em nenhum contexto social específico. Entretanto, uma vez que ganha aderentes, as coisas se complicam. Em todas as possibilidades, os proponentes compartilharão pontos de referências subculturais – caso contrário, como eles teriam a ideia? – e isso falhando, estão fadados a criar



pontos de referência comuns durante as tentativas de colocar as ideias em prática. A cultura é simplesmente uma questão de pontos de referência, e quanto mais obscuros eles são, mais “subculturais” se tornam – a respeito disso, o anarquismo insurrecionário atualmente é bem mais subcultural do que a cena veganstraightedge.¹²

Verdadeiras insurreições podem transcender as barreiras das subculturas, num sentido que as teorias não podem, obviamente; do mesmo modo, espaços multiculturais podem criar solos férteis para levantes. Existe muita coisa a ser dita sobre a construção de laços entre

diferentes comunidades em luta, demonstrando que a resistência não é a região solitária de nenhuma demografia. Se não fosse pela homogeneidade da maioria dos círculos insurrecionários, seria possível ler essa crítica da subcultura como um argumento em favor dos espaços multiculturais, e não como uma maneira dissimulada para promover mais uma nova subcultura. Não existe essa tal zona livre de identificadores culturais – esforços para ficar livre de limitações culturais devem começar pela integração de múltiplos contextos culturais, ao invés de fingir que se está fora deles.

Talvez, como os autores do já citado “Dias de Guerra, Noites de Amor”, algumas pessoas têm de aderir a uma grandiosa oposição à própria cultura para se sentirem aptas a catar algo novo do solo. Mas finalmente, quando essa coisa nova estiver desaparecido e se tornar subculturalmente identificada, eles precisarão de uma crítica que admita isso – caso o contrário, estarão fadados ao isolamento e a neutralização, como seus antecessores. Aqueles que pensam que podem se livrar da cultura completamente estão jogando a água junto com o bebê – um projeto particularmente complicado, quando *você é* o bebê.

As disputas relativas à cultura têm paralelos mais antigos, como a disputa entre anarquistas e insurrecionários que acreditavam na criação de instituições duradouras. Os primeiros argumentam que a crítica dos insurrecionários às instituições duradouras está fundada na lógica de que instituições formais são inerentemente hierárquicas, mas por outro lado, essa análise não provê os insurrecionários com ferramentas para se opor às hierarquias sutis que se desenvolvem em organizações informais. Censurar tendências autoritárias e complacência cultural em meios ideológicos divergentes não é prova de que você mesmo não está sendo vítima delas.

Então todas as subculturas estão preocupadas em “preservar o seu triste conforto”? Talvez isso seja uma simples questão de semântica, de falar que círculos sociais estão somente preocupados com a preservação do conforto do seu “meio”. Existe algum papel positivo que a subcultura pode desempenhar no fomento de insurreições?

Vamos voltar à questão de como as ações se proliferam. Como colocado acima, simplesmente fazer coisas que “qualquer um poderia fazer” não é o suficiente para se difundir a resistência. A premissa dessa abordagem é a de que aqueles outros que partilham a mesma frustração

verão as ações e, entendendo as táticas, irão se incorporar nelas, e esse simples fato os levarão a ação. Mas isso dá como garantido que as ações serão visíveis e as estratégias serão compreendidas pelas diferentes linhas culturais; também negligencia a maneira como os desejos são determinados pela cultura, assim como as classes.

Muitos daqueles que assassinaram presidentes e tzares há mais de um século, acreditavam apaixonadamente que essas ações inspirariam os oprimidos a se insurgirem. “Grupos armados” clandestinos algumas vezes usaram essa mesma lógica. Uma crítica comum entre os grupos insurrecionários a esses grupos é que suas ações são muito especializadas; mas isso não explica porque táticas mais fáceis de serem reproduzidas frequentemente falham em serem difundidas. Outra crítica aos grupos armados é que eles se separam dos outros para que as energias e ideias parem de fluir; isso vai mais direto ao ponto. Alguém poderia argumentar que a circulação de desejos e valores insurrecionários – um fenômeno essencialmente cultural – é tão indispensável para a proliferação da revolta quanto a gasolina é para um coquetel molotov.

Por exemplo, nos últimos anos, anarquistas norte-americanos atacaram clandestinamente caixas-eletrônicos, janelas de bancos e outros alvos; atualmente, este é um dos modelos mais conhecidos para a atividade insurrecionária. Esses ataques noturnos não parecem ter se espalhado para além da subcultura anarquista na maioria das cidades onde eles ocorreram, mas eles *influenciaram* o surgimento de ações de imitadores em outras comunidades *anarquistas*. Isso indica a importância de um contexto cultural comum – valores compartilhados, pontos de referência e fóruns de comunicação. Agir sinceramente pode ser contagiante, mas nossas ações são sempre moldadas pelos exemplos que conhecemos e guiadas pelos valores alimentados pela nossa comunidade.

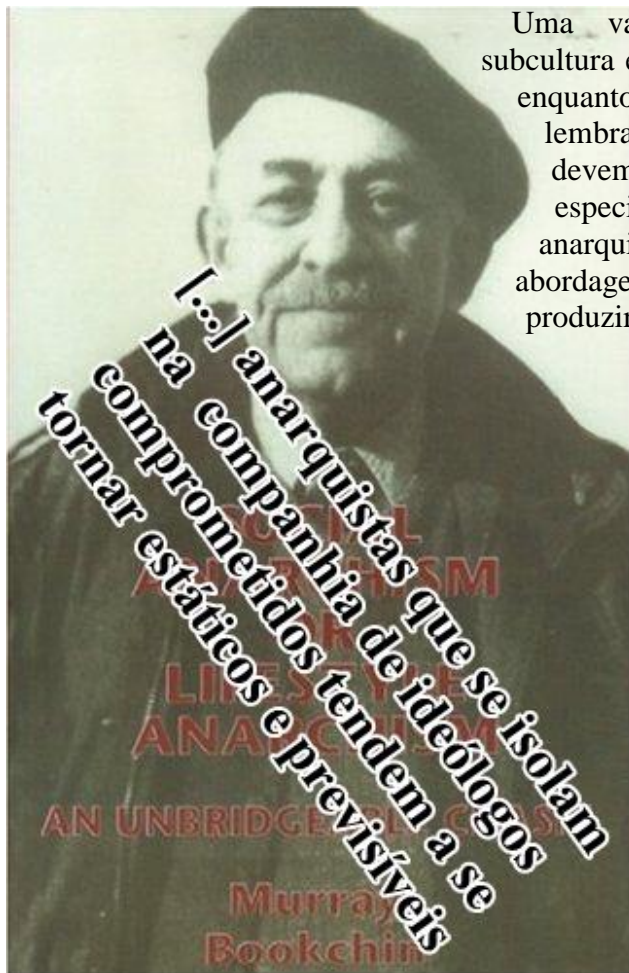
As pessoas parecem estar mais aptas a se juntarem a revoltas, quando isso pode ajudá-las a satisfazer suas necessidades. Mas as próprias necessidades são produzidas socialmente: ninguém precisava de celulares para manter contato com seus amigos até uma década atrás, por exemplo, várias comunidades indígenas escolheram a resistência no lugar de todos os tipos de luxo, até suas comunidades serem destruídas. As estruturas de poder existentes são pelo menos tão capazes de oferecer oportunidades para resolver as necessidades que elas produziram, quanto os radicais, seja

através da competição individual ou de reformas institucionais. Uma verdadeira contra-cultura alimenta necessidades que o capitalismo e a democracia jamais suprirão, como o desejo pela dignidade humana.

Esforços em difundir a resistência devem levar isso em consideração. Nos últimos cinquenta anos, insurrecionários estrangeiros frequentemente estavam em alguma subcultura – por exemplo, o meio insurrecionário italiano dos anos 1980 e 1990 foi construído sob uma rede de centros sociais autônomos. Ao criticar algumas instituições duradouras e meios contra-culturais, alguns insurrecionários estadunidenses revelam que desconsideram o contexto por trás dessas insurreições estrangeiras que os inspiram.

Em resposta a essa noção extravagante de que devemos abandonar a cultura para mobilizar a resistência, contrapomos com o projeto de construir uma *cultura de resistência*, um espaço onde pessoas de múltiplos contextos culturais podem desenvolver pontos de referência comuns, com o intuito de atacar a hierarquia em todas as suas formas.

Contra a Identidade Anarquista



Uma variação da rejeição da subcultura é a rejeição do anarquismo enquanto uma identidade. Isto nos lembra de outra questão antiga: devemos nos organizar especificamente enquanto anarquistas ou existem outras abordagens mais capazes de produzir a anarquia?

Existem muitas coisas para serem ditas a respeito da resistência isolada em circuitos fechados de convertidos. Imagine uma molécula que se liga a outras moléculas através do compartilhamento de elétrons. Se ela possui elétrons soltos, está propensa a criar novas ligações ou rupturas; por outro lado, se todos os elétrons estão em ligações estáveis é muito difícil introduzir novas

dinâmicas às moléculas ao redor. Da mesma maneira, anarquistas que se isolam na companhia de ideólogos comprometidos tendem a se tornar estáticos e previsíveis, enquanto aqueles que limitam sua participação em círculos explicitamente anarquistas para permanecer abertos a outros tipos de relações podem por vezes catalisar ondas de transformação.

Ao mesmo tempo, se organizar em bases sociais ao invés de ideológicas – por exemplo as queeryouth,¹³ ou a nível de bairro, de trabalhadores mais radicais – pode ser extremamente desafiador. Todo mundo que já militou em frentes sabe o quão difícil pode ser alcançar

qualquer objetivo, em função da brutal diferença interna em termos de metas e princípios. Isso é válido mesmo quando não se tem estruturas deliberativas centralizadas – pense no caso de quando supostos companheiros começaram a pizar e apedrejar edifícios e bancos durante manifestações de rua. Talvez a melhor abordagem seja se organizar numa interseção entre a posição social e a ideologia: por exemplo, uma gangue que cresceu junta e descobriu a resistência anti-capitalista e resolve disseminar essa possibilidade para outras gangues.

Frequentemente aqueles que estão à frente nos conflitos com as autoridades se auto-identificam como anarquistas, enquanto alguns anarquistas com posições políticas cuidadosamente articuladas evitam o conflito, ou mesmo sabotam as resistências. As pessoas adotam posições políticas por todos os tipos de motivações e essas posições muitas vezes não têm nada a ver com como eles realmente se conduzem. Esse fenômeno corrobora o ceticismo insurrecionário sobre a importância de posições ideológicas, mas também significa que aqueles que se identificam como insurrecionários não são mais propensos a colocar em prática os seus discursos do que qualquer outra pessoa.

Apesar do fato de que o anarquismo assumido nem sempre é correlato de resistência ativa, não existem motivos para acreditar que lutas que não são identificadas como anarquistas são *mais* propensas a criar situações ou relações anárquicas. Se você se opõe a todas as formas de opressão, você também deveria afirmar isso desde o início, a fim de não deixar uma abertura para os autoritários capturarem seus esforços.

Não Uma Insurreição, Mas Uma Insurreição *Anarquista*

“A ‘luta armada’ é um projeto que pode ser colocado a serviço de qualquer projeto”

Ai Ferri Corte



**TORCEDORES DO ST. ANDRÉ
CHORAM UMA DERROTA.**

Nos EUA, onde conflitos políticos com o Estado são raros, é tentador assumir que conflitos contra a autoridade são intrinsicamente anti-autoritários. Sites e revistas insurrecionários se apropriam de imagens dos contextos mais amplos; alguns saúdam todos os tipos de crimes antissociais como manifestações de guerra social, sem saber as motivações dos protagonistas.¹⁴

Mas rebeliões e conflitos de rua não são inerentemente anarquistas. Resistência contra os opressores é louvável em si mesma, mas muitas resistências acontecem em apoio a outros poderes autoritários. Isso tudo é muito familiar em outras partes do mundo, onde a violência ilegal por parte dos fascistas, milícias, facções de traficantes, máfias e movimentos revolucionários autoritários é um aspecto central da dominação. Autoritários aspirantes frequentemente assumem a liderança ao atacar autoridades reinantes, precisamente na tentativa de absorver e cooptar levantes populares. Motins em si não são sempre libertadores – Kristallnacht¹⁵ também foi um motim. Mesmo que alguns dos participantes tenham as mais puras das intenções, insurreições podem seguir os mais variados caminhos: lembremos o que aconteceu com a Rússia depois de 1917, ou com o Irã depois da insurreição de 1978/1979.

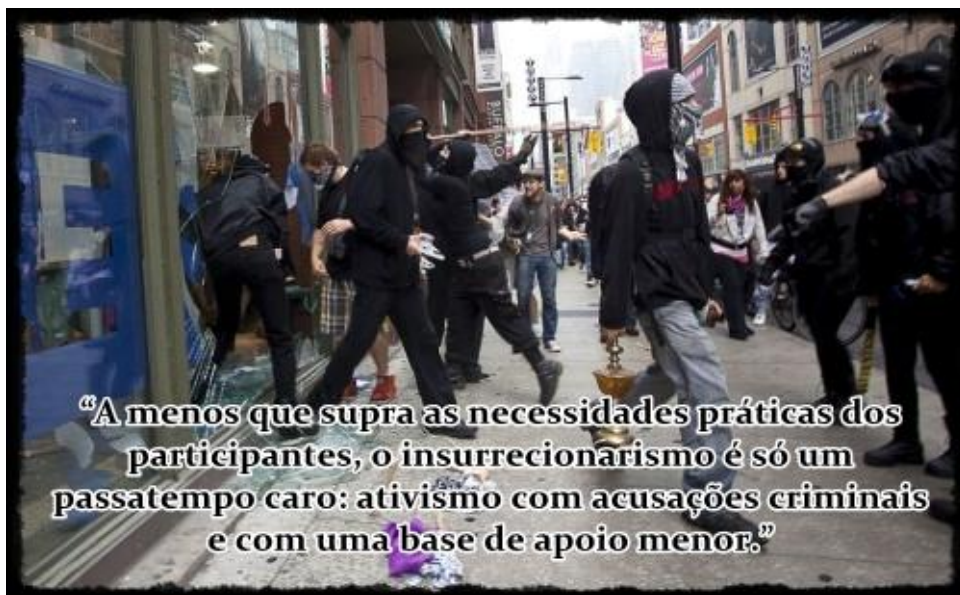
Então os anarquistas não só devem provocar insurreições, como devem garantir que elas contribuam para uma distribuição do poder mais horizontal e descentralizada. Nesse sentido, a glorificação de detalhes superficiais de confrontos políticos – balaclavas, molotovs e por aí vai – é completamente irrelevante, se não ativamente alienante. O fluxo de iniciativa entre rebeldes, a forma como as decisões são tomadas e as habilidades compartilhadas, os laços que se desenvolvem entre companheiros: isso tudo é bem mais importante. Da mesma maneira, deve-se traçar estratégias de como levantes populares contribuirão para um contexto revolucionário duradouro, ao invés de simplesmente permitir que forças reacionárias consolidem o poder.

Contra o Ativismo

Muita coisa já foi dita contra o ativismo; é um papel especializado que concebe as mudanças sociais como domínio dos especialistas; é afirmado no diálogo com os poderes constituídos; promove a inautenticidade e limita o alcance da mudança. Muito disso é semântica pura – muitas pessoas que não merecem essa acusação se veem como ativistas. Alguns pontos se projetam como ressentimentos de classe: aqueles que têm tempo para “cuidar da vida dos outros”, “mudar o mundo” ao invés de resolver os problemas de sobrevivência individual, devem ter acesso privilegiado a recursos, como a direita sempre alegou.

Não é fácil destilar o núcleo da verdade nesse oceano de vitriolo, mas uma coisa é certa; o ativismo que não explicitamente combate a hierarquia, a reafirma. Lutas reformistas podem obter vitórias nos detalhes da opressão, mas no fim das contas elas ajudam o Estado a manter sua legitimidade aos olhos do povo – não só por dar a oportunidade de reparar as injustiças, mas reforçando a noção de que o poder de efetuar mudanças significativas está nas mãos das autoridades. É melhor lutar de forma que as pessoas desenvolvam uma consciência de suas capacidades por fora de todas as negociações e burocracias. Ativismos reformistas também tendem a criar hierarquias internas: como se fosse uma coincidência o fato de os melhores negociadores e contatos com a mídia serem estudantes universitários brancos, de boa linhagem e com tons conciliadores.

Alimentando Confrontos



A outra lição que podemos tirar de um estudo mais de perto sobre o ativismo é a importância de não passar dos limites. Alguns ativistas produzem mais recursos e energias do que utilizam; outros utilizam mais do que produzem. Muitos projetos ativistas fracassam pois falham em recuperar os recursos que investiram nesses projetos: não se pode ter uma empreitada desgastante indefinidamente sem extrair os meios para isso de algum lugar. É claro, esses recursos podem apresentar uma enorme variedade de formas: um grupo de Livros Para Presidiários¹⁶ pode consumir horas de energia, mas persistir por tanto tempo e ver as conexões sociais que ele proporciona é gratificante; viajar pelo país para participar de revoltas pode ser caro em termos de gasolina e arranjar dinheiro, mas se isso é empolgante e catalizador de autonomia o suficiente, os participantes de alguma forma arranjarão a grana. Por outro lado, se após cada manifestação, um milhão de dólares deve ser levantado para os custos judiciais, isso pode ser prejudicial, a menos que cada manifestação ganhe novos aliados com bolsos cheios.

Atividades que consomem mais recursos do que levantam não são necessariamente ruins, mas você deve ter uma estratégia adequada caso queira participar dessas atividades. Ironicamente, apesar do desprezo dos insurrecionários pelo ativismo, estratégias que focam em confrontos são

frequentemente tão custosas, nesse sentido, quanto as atividades que os ativistas tradicionalmente organizam. Ao se negar a participar de lutas com objetivos específicos para se amotinar em nome de suas próprias causas, alguns insurrecionários americanos dão um tiro no pé. Confrontos simbólicos podem ajudar a desenvolver a capacidade de lutar por objetivos mais concretos, mas não se esses confrontos são tão custosos que sugam suas bases sociais de existência. Quebrar janelas é um beco sem-saída, a não ser que ajude a gerar e difundir movimentos sociais¹⁷ – ou pelo menos a dar acesso a um número suficiente de mercadorias atrás das vitrines para financiar um eventual julgamento contra os contraventores.

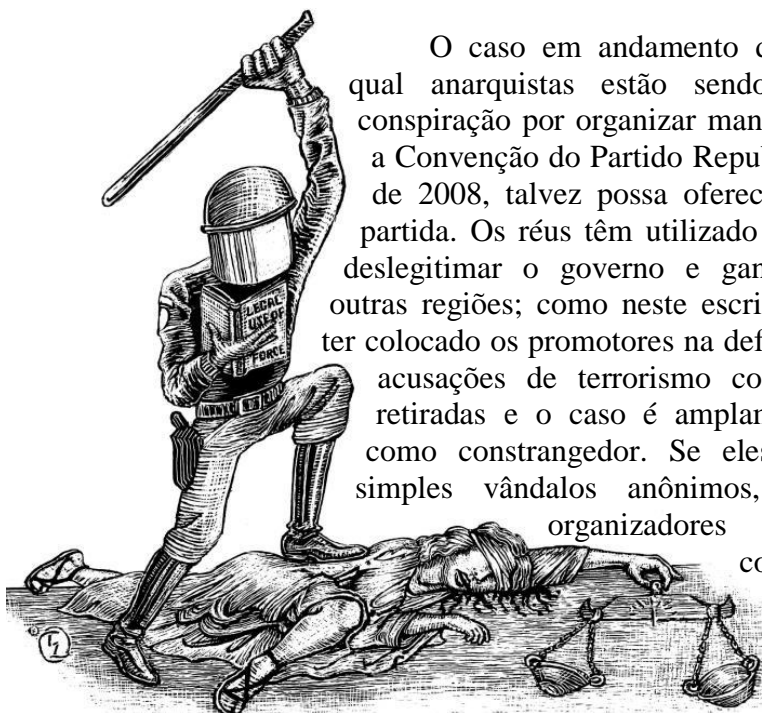
A forma mais sustentável de manter confrontos é pegar recursos que possam ser empregados em lutas futuras. O clássico exemplo disso é o movimento squatter europeu de trinta anos atrás, no qual os prédios ocupados eram usados como áreas de base para lutas sociais futuras. Essa abordagem supera tanto o derrotado ativismo reformista quanto o auto-destrutivo dogma insurrecionário. A menos que supra as necessidades práticas dos participantes, o insurrecionarismo é só um passatempo caro: ativismo com acusações criminais e com uma base de apoio menor. Insurrecionários de outros tempos reconheceram isso, e começaram a roubar bancos, ao invés de simplesmente quebrar suas janelas.

A vingança é em si mesma uma necessidade, mas certamente não é a *única* necessidade. As pessoas que enfrentam dificuldades suficientes para sobreviver não serão mais atraídas pelo vandalismo gratuito do que são pelo ativismo que não tem nada a ver com sua vida cotidiana; por outro lado, táticas que os habilitem a se sustentarem podem ser mais atraentes. Insurrecionários que se frustram com o anarquismo de orientação de estilo de vida daqueles que possuem uma dita “subcultura”, na verdade, estão aprendendo muito com eles. Os últimos permanecem envolvidos em sua versão de comunidades anarquistas não por causa de imperativos morais ou ideológicos, mas porque elas os sustentam. Para que a insurreição se difunda, é preciso fazer o mesmo.

Fazendo da Repressão uma Virtude

Nos EUA, luta anti-autoritária significa atacar o Estado mais poderoso da história mundial. Demanda uma estratégia que leve em conta a repressão, apoio jurídico, e colocar a nosso favor as sentenças prisionais que inevitavelmente virão. A ausência dessa estratégia é, talvez, a falha estrutural mais significativa no projeto insurrecionário contemporâneo. Temos de nos focar na questão da repressão para além das tradicionais cultura de segurança¹⁸, dos limitados apoios à presidiários, ações em solidariedade, e pensamentos positivos. “Não seja preso” não é um plano, é uma oração.

É embaraçoso reconhecer, mas os ativistas que praticaram desobediência civil não-violenta nos EUA nos anos oitenta e noventa estavam quilômetros à frente nesse assunto, integrando suas detenções, julgamentos e prisões em suas campanhas como ações estratégicas. Suas abordagens foram pautadas no privilégio e na glorificação das vítimas de uma maneira horrível, mas talvez ainda possamos aprender algo com eles, na tentativa de sugar o máximo de coisas boas da repressão e apoio contínuo aos presos políticos pra nossa própria luta.



O caso em andamento do RNC 8¹⁹, no qual anarquistas estão sendo acusados por conspiração por organizar manifestações contra a Convenção do Partido Republicano Nacional de 2008, talvez possa oferecer um ponto de partida. Os réus têm utilizado o seu caso para deslegitimar o governo e ganhar aliados em outras regiões; como neste escrito, eles parecem ter colocado os promotores na defensiva, já que as acusações de terrorismo contra eles foram retiradas e o caso é amplamente conhecido como constrangedor. Se eles tivessem sido simples vândalos anônimos, ao invés de organizadores amplamente conhecidos, isso talvez não fosse possível.

É Mais Seguro no Escuro, ou Sob as Luzes?

“Sem líderes para reunir súditos a sua volta, sem organizações hierárquicas para obter poder às nossas custas, sem atas de reunião para serem investigadas, sem manifestos pra proclamar, sem mediadores para conhecer (e então se juntar) a elite burocrata. Nenhuma reivindicação pública é feita, nenhuma linha simbólica é traçada, nenhuma declaração à imprensa pra ser deliberadamente mal interpretada e banalizada por jornalistas. Nenhuma plataforma ou programa que os intelectuais possam roubar como sua propriedade exclusiva, nenhuma bandeira ou cartaz para ser comprometido com uma aliança grosseira e sectária.” *Without a Trace* [Sem Rastros] Do or Die #10

Sem membros, sem declarações e sem rostos. Isso até pode dificultar o Estado a descobrir o inimigo, mas também soa como aquela invisibilidade e isolamento que dificulta novos companheiros a se encontrarem e começarem algo.

Na atual conjuntura de repressão, a abordagem insurrecionária é frequentemente colocada como uma questão de segurança: com infiltrados em todos os lugares e as repercussões legais da resistência se intensificando, é simplesmente muito perigoso se envolver em organizações públicas. Entretanto, não é nada certo que quanto mais invisível é uma organização, mais apta a proteger os anarquistas ela está e mais efetiva ela é.

É muito comum que pessoas tentando não repetir erros do passado cometam novos erros; abandonando estratégias problemáticas, eles aprendem da forma mais difícil quais as vantagens levaram seus antecessores a adotar tal estratégia. Então é aí que anarquistas que somente ficaram conhecidos publicamente há uma década fantasiam agora em voltar para as sombras.

O governo não poderia achar melhor o fato de anarquistas estarem recuando para cenas privadas e panelinhas, deixando poucas oportunidades para indivíduos isolados se envolverem. É vantajoso para as autoridades que um pequeno número de radicais avancem em táticas mais militantes, enquanto perdem



contato com uma base social mais ampla; isso dificulta a difusão da ação direta, além de tornar mais fácil a legitimação da repressão. Pode ser mais difícil rastrear grupos clandestinos num primeiro momento, mas investigações recentes do FBI, como a Operation Backfire^{20,21} [Operação Tiro Pela Culatra], mostram de perto que estruturas fechadas e altamente seguras não são impenetráveis. Pode-se também olhar o caso dos Nove de Tarnac²², um grupo de radicais franceses que são atualmente acusados de conspiração terrorista,

eles também são acusados de estarem envolvidos na autoria do livro *L'insurrection qui vient* [A Insurreição que Vem], que defende as “zonas de opacidade”²³, impenetráveis às autoridades. Na verdade essas zonas não são decorrentes apenas do controle adequado de informações, mas também do surgimento de tantos grupos insurgentes que as autoridades não podem ocupar-se de todos ao mesmo tempo.

Se isso for verdade, a tarefa mais urgente para os anarquistas não é se encarregar de táticas militares secretas, mas difundir habilidades e práticas. Não existem substituições para atividades participativas, que ofereçam pontos de entrada para novos indivíduos e oportunidades para grupos existentes se unirem. Da mesma forma, recusar-se a interagir com o público, efetivamente significa abandonar à mídia corporativista o papel de se contar a história – ou suprimi-la. Assim como os insurrecionários têm de unir a ampliação do conflito ao passo pelo qual ele se difunde para que não extrapolem seus limites, também têm de equilibrar as vantagens do segredo com a necessidade de circular novos formatos e energias rebeldes.

Isso também tem uma influência sobre se é mais seguro e mais estratégico para os anarquistas agir sozinhos, com o elemento surpresa, fora de qualquer estrutura “política” convencional, ou participar em campanhas e mobilizações mais amplas. Nesse último contexto, do ponto de vista estritamente militar, o Estado é muitas vezes mais preparado e vigilante, tornando mais difícil os ataques bem sucedidos; por outro lado, é mais propenso que detenções sejam apoiadas para além da comunidade anarquista, e suas ações podem se tornar mais visíveis e compreensíveis para os outros.

Isto tudo não é pra dizer que organizações anarquistas devem ser visíveis da mesma forma que são as campanhas políticas tradicionais. A questão é garantir que os *modelos* anarquistas de resistência sejam acessíveis a todos; não para promover a popularização de uma plataforma, porta-vozes ou partidos. No fim das contas, os perigos principais de visibilidade não são colocados pela polícia, mas pela possibilidade de serem absorvidos pelo espetáculo, atuando para as câmeras, até que se caia no engano de confundir a representação com a realidade.



A economia acaba de entrar em crise, e os anarquistas que passaram os últimos cinco anos construindo várias infraestruturas anti-capitalistas estão ansiosos para afirmar suas alternativas aos olhos do público. Alguns amigos têm debatido a ideia de organizar uma festa de rua, e umas duas dúzias de pessoas se encontraram pra discutir isso. A festa de rua se torna um Funeral Para o Capitalismo, pretendendo iniciar um diálogo público sobre como mobilizar uma resposta popular à crise. Panfletos e adesivos aparecem por todos os lugares; em reuniões de planejamento, os organizadores se veem à frente de uma multidão de centenas de pessoas, unindo diversão pública e distribuição de recursos em um ataque em duas frentes.

Mas a noite da festa de rua é incomumente fria, e somente uns vinte duros-na-queda comparecem, percebendo que são quase os únicos pedestres nas ruas. Eles mal conseguem formar um bloco antes de um policial solitário encostar e acusar a multidão, agarrando alguém aleatoriamente na esperança de dar um exemplo para assustar os outros que estavam na calçada. Para sua surpresa, ele se depara com uma chuva de golpes. Estes não são os ativistas hesitantes da geração anterior, mas uma nova raça feroz.

Sua pretensa vítima escapa; ele agarra outro, mas a mesma luta segue. O reforço policial chega e, finalmente, a polícia consegue capturar um único folião.

O resto se reagrupa em um café nas proximidades. Quase todo mundo que estava na rua está presente, há um novo sentimento de causa comum. Em poucas horas eles conseguem arrecadar grana o suficiente para pagar a fiança e retirar o detido; algumas semanas depois, um evento beneficente com um show de marionetes e uma venda de bolos atrai mais participantes do que a festa de rua e levanta todos os recursos necessários para as despesas jurídicas.

Finalmente o réu negocia um acordo judicial favorável. Assim que aquele dinheiro preso volta, um companheiro em outra comunidade é detido, acusado de conspiração e surge a ideia de doar dinheiro para o seu fundo de apoio; então, ao entrar em conflito com as autoridades, a comunidade se tornou mais capaz de estender solidariedade a outras comunidades.

No entanto, no meio de toda confusão, já que a questão mudou imperceptivelmente da crise econômica para a injustiça da repressão policial, todo mundo se esqueceu de se juntar ao povo. Os laços são mais fortes entre os radicais, graças à fantochada e às horas cozinhando, não menos do que às bravatas de rua, mas não são nada mais fortes com o resto da cidade.

A Força da Insurreição

“A força de uma insurreição é social, não militar. O critério para avaliar o alcance de uma revolta generalizada não é o conflito armado, se não, melhor, a paralisia da economia, a forma de se ocupar os lugares de produção e circulação, a gratuidade que incendia todo o cálculo...” Ai Ferri Corti

A força de uma insurreição é social, não militar. O poder de uma insurreição *anarquista* não é determinado pelos confrontos militares, mas pelo quão difusa é a resistência, pelo quão amplamente distribuídas são as táticas e os recursos, pelo quão durável, amplas e genuinamente libertárias são as relações que sustentam todo o esforço. Se a meta não é simplesmente persuadir os outros – ou *nós mesmos*, sejamos honestos – para nossa decadência, então temos de priorizar formas de resistência que sejam altamente difundíveis ou, ao menos, sustentáveis. Quem é o corpo social que se insurge? De onde ele vem?

A força de uma insurreição é social, não militar. Esse tem sido um dos princípios insurrecionários mais antigos, mas na prática, é também um dos mais esquecidos. Ao focar no ataque, é difícil não acabar adotando inconscientemente a lógica militar do seu inimigo, medindo a efetividade pelos números de alvos atingidos ou pela quantidade de dólares gastos com prejuízos. Talvez esse seja um risco inevitável quando se pensa o ataque não como um meio, mas como um fim – se o *ataque* tem valor em si mesmo, então, um ataque “maior” não é melhor? Essa tendência é especialmente perigosa para aqueles que não cresceram com exemplos de como é promover uma “guerra social” em sua comunidade, que têm de inventar modelos a partir do zero.

A força de uma insurreição é social, não militar. Isso significa que ela depende da luta, solidariedade, e das relações entre o corpo social inteiro – e não somente de um grupo de afinidade ou de uma galera. Aqueles que fizeram bolos para arrecadar dinheiro são tão importantes quanto os manifestantes detidos; a efetividade daqueles que levantam dinheiro pros fundos determina quanta força mais os insurgentes podem conseguir nas ruas. Uma pessoa pode quebrar uma vitrine com uma pedra e a força de seus braços, mas uma pessoa somente pode participar de um conflito *social* duradouro enquanto parte de uma comunidade. Força social é uma questão totalmente cultural, de valores, alianças e prioridades; a guerra social ganha espaço nesse terreno, que é influenciado pelos, mas distinto dos, terrenos físicos dos confrontos reais. Quantas pessoas te apoiarão em um conflito? Quantas pessoas se unirão a esse conflito? Se você for preso, sua vó irá te apoiar? Sua comunidade te apoiará?



O Estado muitas vezes isola os rebeldes por meio de um golpe de artes marciais clássico: ele os empurra na direção que já estavam indo, incitando-os ao confronto antes de terem construído a base social de que precisam pra sobreviver. É essencial definir o ritmo da gradação por si mesmo, evitando compromissos desfavoráveis e resistindo à tentação de focar em vinganças. O alvo principal do ataque insurrecional não é somente o Estado, mas também a passividade de seus pares dos acomodados.

Voltando ao nosso ponto de partida, nada disso aqui é motivo para *não* agir, ou para esperar o momento certo para admitir hostilidades.

Guerra social, assim como luta de classes, está sempre ganhando espaço: goste ou não, nascemos nisso, e decidimos a todo momento como lutar. A questão é agir estrategicamente, de modo a não lutar sozinho.

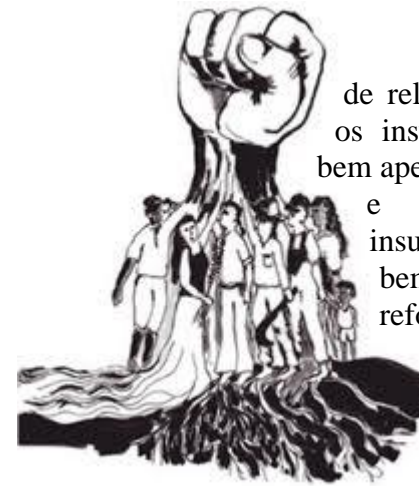
Isso é particularmente complicado no atual contexto de vigilância e repressão. Deve-se atuar em um grau mínimo de clandestinidade para que se possa resistir de uma maneira significativa. Mas se o aspecto mais importante da resistência são as relações que produzem a própria resistência, é um erro escolher formas de luta que criam bases sociais cada vez menores. Historicamente, a não ser em momentos em que a resistência está se espalhando como fogo, uma vez que entram em conflito aberto com o Estado, os movimentos de resistência tendem a decompor-se em frações cada vez menores: pense na transição do Students for a Democratic Society²⁴, nos anos sessenta para o Weather Underground nos anos setenta, ou no movimento squatter holandês durante os anos oitenta. Se nossas bases sociais podem ficar menores à medida que os conflitos se intensificam, pode ser mais apropriado manter guerras mais brandas que não provoquem a fúria total do Estado, ou então, começar uma unidade de resistência com o povo, ao invés do grupo de afinidade ou da sua galera. Isso não quer dizer que não devemos nos organizar em grupos de afinidade, mas que a ação do grupo de afinidade deve ser um meio para se catalisar a ação popular, mais do que um fim em si mesmo.

As autoridades se veem como estando engajadas na guerra social, talvez de maneira muito mais clara do que alguns insurrecionários. Eles não só atacam nossos corpos com porretes, spray de pimenta e encarceramentos: também se põem a atacar nossas relações e conexões sociais. Para eles, é muito menos trabalhoso intimidar, isolar e desacreditar radicais, do que prendê-los ou matá-los. Nos confrontos, temos de perceber esse tipo de intimidação e isolamento como sua maior prioridade, e defender nossas relações e conexões sociais da mesma forma. Eles podem nos espancar ou nos prender enquanto indivíduos – a questão é se manteremos nossos valores e táticas.

Guerra Social Requer Habilidades Sociais

As autoridades se veem como estando engajadas na guerra social, talvez de maneira muito mais clara do que alguns insurrecionários. Eles não só atacam nossos corpos com porretes, spray de pimenta e encarceramentos: eles também se põem a atacar nossas relações e conexões sociais.

“A destruição de propriedade não é meramente uma agitação de machos ou uma liberação de agressividade vinda de uma sobrecarga de testosterona. Nem uma cólera desordenada e reacionária. É uma estratégia especificamente direcionada contra os interesses das corporações.” *Coletivo ACME*, Comunicado do N30 Black Block



Considerando que a insurreição depende de relacionamentos, alguém poderia pensar que os insurrecionários seriam os anarquistas mais bem apessoados, os mais ávidos por fazer amizades e resolver conflitos. Idealmente, insurrecionários ofereceriam um contraste bem-vindo aos pacifistas estridentes e aos reformistas tirânicos. Deve estar sempre claro que ações libertárias não são performances de machos, mas uma decisão estratégica bem direcionada ou, pelo menos, uma expressão emocional honesta.

Para se estabelecer as condições para a insurreição, é preciso grande paciência e habilidades sociais. Infelizmente, alguns dos que gravitam em torno do insurrecionarismo são impacientes e hostis. “Começando do ataque” pode ser atraente para aqueles que não querem ter de se resolver com desentendimentos e responsabilidade. Ao glorificar suas táticas preferidas em detrimento de seus aliados em potencial, esses fanáticos espalham falsas dicotomias que os separam dos recursos e apoios de que precisam para tornar os ataques efetivos, sustentáveis, contagiantes e difundíveis.

Alguém pode ver essa tendência como uma reação à enfadonha coalisão do movimento anti-guerra²⁵. Não há nada de bom na unidade forçada, que paralisa os participantes e desencoraja a ação autônoma. Mas uma rejeição instintiva de tudo o que tem feito movimentos de resistência possíveis no passado também tem pouco a acrescentar.

Habilidades Sociais para Guerra Social

- Estruturas de tomadas de decisão e uma cultura que encoraje dinâmicas de poder horizontais.
- Processos de prestação de contas para resolver hierarquias internas.
- Resolução de conflitos, tanto internamente quanto com possíveis aliados.
- Habilidades de prover necessidades materiais, sociais e emocionais.
- A capacidade de reproduzir formas sociais de resistência mais rápido do que elas são destruídas.
- Maneiras de se comunicar para além de uma subcultura.
- Flexibilidade de se ajustar de acordo com o contexto, ao invés de permanecer presos a rituais.

É 21 de Abril de 2001 e um Black Block está quebrando metodicamente todas as janelas de um Banco transnacional em Quebec, durante o encontro da ALCA. Confrontos de rua estão acontecendo ininterruptamente há 24 horas; grande parte da cidade está inundada em gás lacrimogêneo e um número cada vez maior de manifestantes está respondendo com molotov's e pedras.

Um grupo de valentões locais observa um Black Block de longe. Eles olham com simpatia, enquanto os estrangeiros entram em confronto com a tropa de choque da polícia; os moradores não têm nenhum grande amor pela polícia e, enquanto Québécois²⁶, ficam ofendidos com o fato de um exército que fala inglês ter sido trazido do outro lado do continente para sua cidade. Por outro lado, os ativistas também são "invasores" e estão quebrando a cidade inteira.

Assim que o Black Block avança, procurando outro banco, os valentões locais os seguem, pegando objetos grandes e os ameaçando com um inglês bem limitado: "Cuções". Um liberal barbudo mais velho vê este desdobramento e se apressa pra falar com os valentões, e pedantemente lhes explica: "Não, não são cuzões, é só uma tática ruim". Apropriando-se do que eles entendem ser um termo de ofensa, os moradores continuam seguindo o bloco, gritando "Tá-ti-ca Ruim! Tá-ti-ca Ruim!".

Um jovem anarquista idealista cai na real e fala com os perseguidores: "Não estamos contra vocês - estamos aqui para combater as instituições que também dominam vocês, as corporações transnacionais e os governos neo-liberais que..." - e ele recebe de resposta um soco na cara que o joga no chão.

Este é o momento crítico, em que o significado de toda a mobilização está em jogo. Se os locais e o Black Block entrarem numa briga, o que será falado nos próximos dias sairá de "confrontos entre manifestantes e autoridades", para "brigas sem sentido entre Radicais Marginalizados contra Todo Mundo". Os Black Blocks tem uma reputação machista; muitos outros ativistas duvidam de sua maturidade, se não de sua sinceridade. Tendo crescido sendo intimidado e provocado, e se tornado anarquista na esperança

de se vingar, é provável que o jovem tenha um sentimento de vingança. Se revidar, seus companheiros irão em sua defesa. Mas ele, por sua própria conta, simplesmente se levanta e se junta novamente ao Black Block.

Dois quarteirões à frente, vemos a polícia: muitas fileiras de policiais da tropa de choque disparando granadas de efeito moral e balas de borracha nas linhas em direção ao grupo de humanos a sua frente. Ambos os lados hesitam. O contexto mudou.

Os moradores locais cuidadosamente observam os anarquistas: “Você estar aqui pra fudê nossa cidad?” , grita um deles.

“Não”, grita uma pessoa usando uma balaclava. “Para COMBATER A POLÍCIA!”. “Para combater a polícia?”. “É, Para combater eles, não vocês!”.

“Foda-se a polícia!”, grita um outro local, auspiciosamente.

Representantes dos dois grupos se aproximam com passos cuidadosos. Granadas de efeito moral explodem no fundo, enquanto blockers e locais acordam uma trégua e apertam as mãos. À medida que o sol se põe em Quebec, locais com as camisas amarradas nos rostos se agacham ao lado de radicais com estilingues, óculos de natação para se proteger e bandanas, salpicando a polícia com pedaços de concreto e pedras.

Confrontando Todas as Formas de Repressão



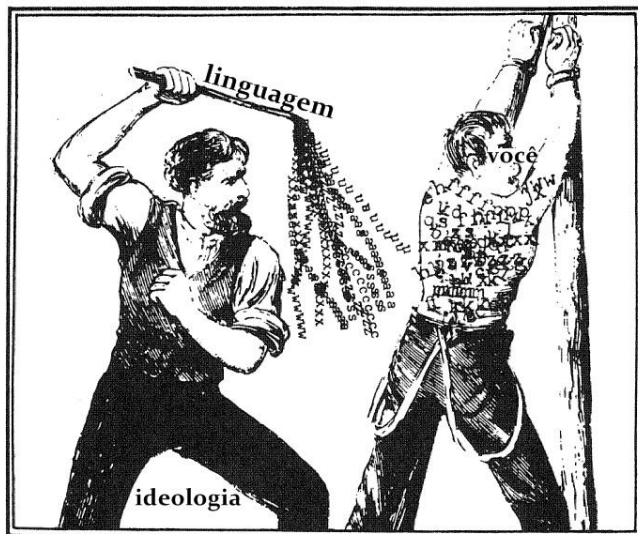
Movimentos de resistência entraram em colapso muitas vezes em meio discussões sobre privilégio, responsabilidade e hierarquias internas – por exemplo, nos EUA no início da década de 1970, e na Itália no final dessa década. Isso ocorreu, numa escala menor durante o fim do movimento anti-globalização estadunidense, no começo da década de 2000; as consequências disso em Eugene (no estado de Oregon, EUA) são exploradas no Artigo “Green Sacred”, no site da Crimethinc.

Em alguns circuitos, os insurrecionários tem fama de fugir desse debate. Isso é extremamente problemático – o objetivo da ação anarquista é atacar *todas* as formas de hierarquia, e não somente os alvos que empolgariam fãs do blog RiotPorn. Responsabilidade e consciência do privilégio reforçam as relações que tornam as lutas significativas possíveis; sem isso, um grupo de afinidade pode se esfacelar, da mesma maneira que um movimento. Cultivar relacionamentos saudáveis não é uma tarefa extra que os anarquistas devem assumir junto com o projeto de resistir à dominação – é a *base* desse projeto, e uma forma de protegê-lo.

Mesmo que a referida má reputação fosse apenas calúnia com base em provas circunstanciais, continuaria colocando desafios para os insurrecionários, pois permite que os seus adversários passem a imagem

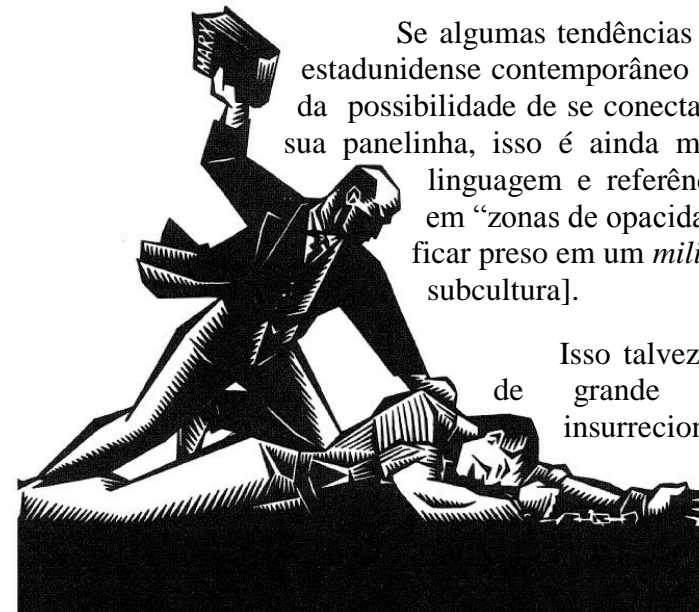
de que eles são hipócritas irresponsáveis.²⁷ Sempre que os anarquistas falham em se posicionar em relação ao patriarcado, racismo e outras formas de hierarquia, se mostram vulneráveis para as maquinações dos reacionários e de outros, que estão ansiosos por deslegitimar as resistências libertárias. Insurrecionários devem ser os primeiros a desenvolver ferramentas para compreender e minar privilégios e hierarquias, para que fique claro para todos que não existe dicotomia entre confrontar os poderes constituídos e abordar formas mais sutis do poder hierárquico.

Abordagens confrontacionais estão fadadas a encontrar oposição em algum momento, mas se oposição vem de potenciais companheiros é um sinal de que alguém está no caminho errado. Infelizmente, insurrecionários na defensiva reagem a isso se isolando mais ainda das críticas construtivas, dizendo para si mesmos com teimosia, que não precisam de aliados para o caminho que escolheram.



instrumento terrível de vingança. Não traduza suas queixas na linguagem do opressor – deixe-a permanecer em brasas para ser lançada de catapultas. Ataque, recuse, destrua.

Mas se é raiva o que vocês está sentindo, por que citar professores de filosofia?



Se algumas tendências do insurrecionalismo estadunidense contemporâneo parecem ter desistido da possibilidade de se conectar com grupos fora da sua panelinha, isso é ainda mais aparente em sua linguagem e referências esotéricas. Falar em “zonas de opacidade” – dos perigos em ficar preso em um *milieu* [meio, ou no caso, subcultura].

Isso talvez aconteça em função de grande parte da teoria insurrecionária ter vindo de traduções além-mar medíocres. Insurrecionários domésticos disputam o estilo

obtuso de seus textos favoritos, e a linguagem inarticulada resultante ressalta o absurdo de tentar transpor uma abordagem para um outro ambiente, sem contextualiza-la. Não estamos aptos a criticar escritos insurrecionários da França, onde presume-se que todo garçom gosta de Michel Foucault e Antonio Negri – mas nos EUA, palavras como “projectualidade” faz com que um monte de pessoas parem de prestar atenção.

Outra fonte dessa tendência pode ser achada na influência acadêmica. Na torre de marfim, que se baseia na exclusão, os acadêmicos são recompensados pelo desenvolvimento de linguagem e teoria abstrusa. Para alguns insurrecionários, apropriar-se desse tipo de linguagem deve parecer o mesmo que apropriar-se de outros símbolos de status, tal como vestir roupas da bombada American Aparell, que são onipresentes em certas cenas. Mas "toda ferramenta tem um mundo conectado a ela no punho", e a exclusividade da academia vem com a terminologia.

Claro, algumas pessoas são atraídas pela linguagem exclusiva, especialmente as pessoas que desejam se ver como parte de um grupo *in* eleito. Um meio que atrai esse tipo de energia não é propenso a ser um espaço aconchegante para uma gama ampla de participantes; pode também não ter poder de se manter. O consumismo capitalista depende de novas

modas a cada nova estação, e isso serve tanto para a moda, quanto para as ideias: o que é tendência num verão, certamente será *passé* no próximo.

A alternativa a isso, amplamente demonstrada por outros insurrecionários estadunidenses não é se comunicar com frases populares, como alguns grupos comunistas dissidentes, nem utilizar gírias das potenciais classes aliadas, mas simplesmente se expressar de uma forma simples e não achar que contextos comuns são equivalentes. Obscurantistas em reabilitação poderiam tentar escrever na linguagem que eles usam quando falam com seus vizinhos ou parentes. Você não pode esperar que os outros saiam de suas zonas de conforto, se você não está disposto a sair da sua.

Posando Para Fotos VS Descolonizando a Violência

“Podemos nos tornar nossas próprias produtoras de imagens riotporn, mas isso é menos importante do que a criação das condições em que uma ofensiva pode se manter sem enfraquecer, do estabelecimento das solidariedades materiais que permite que nos apoiemos.” *Total Destroy #3*



Em geral, pessoas estadunidenses – especialmente pessoas brancas²⁸ – têm uma relação especialmente mediada com a violência. Isso não quer dizer que nunca estamos expostos à violência, mas que proporcionalmente assistimos a representações de violência mais frequentemente do que a experimentamos diretamente. A terra em que pisamos está coberta de sangue de nativos, as mercadorias que dão a base de nossa vida flutuam num mar de sangue, mas quando pensamos em violência, geralmente imaginamos cenas de TV ou filmes hollywoodianos. Não é de admirar que os radicais que tentam integrar a violência em sua resistência acabam desempenhando papéis programados.

“Riotporn” - o retrato da violência anti-autoritária que abunda na mídia insurrecionária - é somente uma parcela das representações de sexo e violência que nos rodeiam nessa sociedade. Pornografia não somente supre o desejo – também o molda e direciona-o: no caso do Riotporn, glorifica o momento do confronto físico, enquanto lhe retira o contexto social que lhe dá significado. A pornografia pode promover papéis que têm pouco a ver com as verdadeiras necessidades dos envolvidos; aqueles que foram influenciados pela pornografia capitalista muitas vezes decepcionam seus parceiros sexuais. Da mesma forma, um observador cínico pode caricaturar algumas manifestações insurrecionais contemporâneas como uma tentativa equivocada de desenvolver uma estratégia a partir da estética da riotporn: nenhuma negociação trabalhosa com aliados, nenhum objetivo a médio e longo-prazo, somente o momento do ataque isolado no vácuo.

Sexo e violência de verdade podem ser reivindicados pela sociedade patriarcal, mas em alguns contextos é um desafio maior reivindicar *representações* de sexo e violência.²⁹ Qualquer um pode atirar num cuzão, mas nessa sociedade, a imagem da arma é intrinsecamente associada à noções de poder e dominação masculina. Anti-autoritários que acreditam que representações espetaculares podem ser viradas contra os seus carrascos estão brincando com fogo muito mais perigosamente do que acreditam.

Por outro lado, numa sociedade onde muitos privilégio repousam na violência que ocorre fora de nossa experiência imediata, é louvável que insurrecionários tentem estabelecer uma relação imediata com ela. Talvez a ação insurrecionária deva ser avaliada de acordo com o quão

efetivamente serve ao projeto de desconstrução, com o mesmo peso de outros critérios, como o quanto de prejuízo financeiro aos inimigos e o quanto inspira potenciais companheiros. Até que ponto uma dada ação pode habilitar os participantes a conseguir uma relação não-mediada e intencional com a violência? Até que ponto é simplesmente uma reprodução de roteiros familiares? Assim como podemos julgar jogos ou materiais eróticos na medida em que tornam o sexo mais “queer”, podemos avaliar as práticas insurrecionárias, na medida em que *tornam a violência mais queer*. Isso poderia significar qualquer coisa, desde o empoderamento de grupos que normalmente não têm o poder de usar violência contra seus opressores, passando pela dissipação das representações de violência da mídia, substituindo-as por aspectos familiares baseados na vida cotidiana, para fazer a violência servir a papéis proibidos que ninguém jamais imaginou que fossem possíveis.



Na noite depois da ação, um anarquista mais velho que não participou da organização do protesto, expressa sua irritação de sempre: “Então a ideia é chamar a porra dos policiais, esperar que eles apareçam, e depois tentar marchar em volta? Esses idiotas finalmente inventaram um jeito de perder o elemento surpresa, que é praticamente a única vantagem da tática!”.

Mas surpreendentemente ou não, tudo ocorre exatamente como o planejado. As pessoas se encontram no parque para comer e brincar, então, no momento estipulado partem em pequenos grupos para o local secreto. Acontece que era um enorme edifício abandonado no coração do centro da cidade, com uma grande faixa pendurada no telhado: “Reivindicando espaços para reivindicar nossas vidas. OCUPE O MUNDO!”. Lembrancinhas da festa são distribuídas na porta – camisinhas, máscaras e um pequeno e precioso manifesto: “Veja, o negócio é o seguinte. Recentemente nos demos conta de que existimos...”. Dentro, uma festa com dança está em andamento; a decoração pós-industrial abandonada foi embelezada com flâmulas e outra faixa, esta dizia: “Festeje como se fosse 1886!”. Um casal de dissidentes do gênero tira as roupas. Outros estão explorando as margens do prédio abandonado. Ao contrário das ações do Reclaim the Streets, que varreram o Estado uma década atrás, essa é uma festa particular, mas tem a mesma atmosfera de encantamento.

Depois de muita demora, a notícia se espalha no boca-a-boca: a polícia entrou! O sistema de som é cortado e alguém o puxa para fora pela porta dos fundos assim que um policial entra, sondando a multidão com sua lanterna. Todo mundo sai pela porta da frente em fila indiana; isso é desmoralizante, e o anarquista mais velho resmungua que se eles querem uma manifestação de rua, deveriam sair decididamente em um bloco. Em vez disso, uma multidão hesitante congela na calçada, vadiando enquanto o enorme contingente de policiais pelejam pra descobrir o que está acontecendo.

O sistema de som reaparece e as pessoas se reúnem em torno dele. Assim que a multidão começa a descer a rua, um policial aparece e o segura. Todo o resto continua; virando a esquina, eles milagrosamente percebem-se

ocupando as ruas em um mundo aparentemente livre de autoridades. Não há uma causa exata ou uma palavra de ordem para aquela noite, então os participantes – incapazes de abrir mão de tradições ativistas, apesar de alguns dizerem o contrário – se veem cantando o primeiro refrão que vem a mente: “Swine flu!” “Wu Tang Clan ain’t nothin’ ta fuck with!”. Dois adolescentes no centro se juntam, obviamente não achando que aquilo fosse uma festa de rua anarquista.

Um quarteirão passa e os capuzes sobem, máscaras entram em ação e o som de metálico surge à medida em que lixeiras são arrastadas para o meio da rua. Todo mundo pelo país afora está abandonando a mídia impressa corporativa, mas os anarquistas ainda estão apaixonadamente convencidos de que as caixas de jornal evitam de serem perseguidos pela polícia. Existe um café logo na esquina, e as cadeiras são convidadas a voar contra as vidraças, somente para saltar e depois voltarem a terra. Existe um elemento de atuação no comportamento até mesmo dos manifestantes mais radicais: estão posando pra fotos, agindo como nas suas cenas de filme prediletas, sem a firme determinação em causar prejuízos que caracterizou o famoso black block da era anti-globalização.

Os riscos judiciais, é claro, ainda são bastante reais – mas a polícia está misericordiosamente atrás, e a multidão se dispersa antes que eles os alcancem. Alguns participantes estão satisfeitos consigo mesmos, outros estão perplexos. Um jovem hippie tenta conversar com um colega com cara de cú, segurando uma camisa no punho: “Você viu aquelas pessoas jogando as cadeiras? Mó merda né?!”. O cara com a camisa acelera o passo e não responde.

Posteriormente, todas as discussões de cinco anos anteriores começam novamente. Foi irresponsabilidade de parte de algumas pessoas começar a destruir propriedade, enquanto outros não sabiam que isso iria acontecer? Por outro lado, como as pessoas deveriam iniciar um vandalismo voluntário? Não se pode fazer panfletos explicando isso. Existiram pessoas fora da manifestação que compreenderam as motivações – e isso realmente importa? É patético o

fato dos amotinados aspirantes não poderem quebrar as janelas do café? Ou é sorte, já que poderia ter iniciado uma investigação mais séria, sem alcançar nenhum objetivo significativo? Poucos reconhecem essas questões antigas – cinco anos antes, a maioria das pessoas estavam vivendo em outros lugares ou estavam envolvidas em coisas totalmente diferentes.

O anarquista rabugento mais velho relembra os dias em que manifestações surpresas como essas aconteciam em sua cidade. A primeira juntou centenas de pessoas, e a maioria deles jamais se imaginou em uma manifestação que não tivesse autorização da prefeitura; para o seu tormento, na época foi cantado: “O que queremos? PAZ!”, enquanto ele preferia ter deixado a cidade em chamas. Com o passar dos anos, a próxima manifestação ficava mais agressiva que a anterior; surgiu um pequeno grupo de clandestinos compromissados enquanto os conflitos se radicalizam dentro de uma base social mais ampla, que o tornou possível. A ação final acabou virando notícia a nível nacional, com dezenas de milhares de dólares de danos causados a um alvo amplamente conhecido e dezenas de pessoas parando nos tribunais. Depois disso, tudo acabou numa mistura de recriminações rancorosas, apoios jurídicos cansativos e cultura de segurança paranoica.

Seus amigos se perguntavam se tinha valido a pena. “Talvez”, deduz ele. “Da mesma forma que todos culpam os anarquistas pela derrota da Guerra Civil Espanhola, como se alguns garotos com vinte anos hoje pudessem saber o contexto melhor do que eles souberam – mas talvez eles soubessem que estavam condenados desde o começo, e estavam resistindo da melhor forma que podiam, na esperança de fazer história e inspirar pessoas como nós. Se o movimento de que fizemos parte não iria durar pra sempre, talvez o fim que ele teve também foi melhor. Mas você deve tirar o direito das pessoas de quebrar essas merdas quando está querendo começar algo novo? Eu não sei.”

Ambições de Destruir Tudo

Alguns insurrecionários contemporâneos se inclinam a uma postura niilista, propondo de forma improvisada que tudo que existe deve ser destruído. Para os ouvidos de indígenas e ambientalistas, esse projeto de destruição universal pode soar suspeitosamente como o programa que o capitalismo industrial já está colocando em prática.

Tal como acontece com a negação de subcultura, talvez soe bastante metafórico argumentar que alguém é contra “tudo”, mas não faz muito sentido. Até mesmo se opor a tudo ainda é uma posição adotada nesse mundo, moldada por e proveniente desse contexto. Se somos contra *tudo*, como prosseguiremos? De onde começaremos, e como teremos certeza de que o resultado de nossos esforços não serão ainda piores? Poderemos estipular as direções que queremos seguir?

Faz mais sentido e é mais honesto dizer que tomamos o lado de alguns seres vivos e de algumas correntes, e nos posicionamos contra outras, e fazemos isso na esperança de gerar uma transformação total no mundo. Essa abordagem não só oferece pontos de partida, como também ajuda mais no estudo das formas que as dinâmicas hierárquicas e horizontais mesclam-se, tanto no nosso campo quanto no do inimigo.³⁰ Se você não pode ver nada de bom no seu adversário, você provavelmente não poderá ver nada de ruim em você. Pelo mesmo indício, a ideia de que tudo tem de ser destruído pode facilmente servir como desculpa para abster-se de críticas.



Dinamitando as Linhas de Ruptura



Vamos voltar mais uma vez ao contexto envolvendo grandes insurreições como a que ocorreu na Grécia em dezembro de 2008. Resistências libertárias são sustentáveis nessas situações não somente pela participação dos manifestantes diretamente envolvidos, mas também em função dos esforços de não-anarquistas que se opõem a intervenções militares, que se organizam contra repressão Estatal e de outras formas, limitam o poder do Estado. Muitas dessas pessoas podem se opor à insurreição, mesmo quando desempenham papéis essenciais para torná-la possível. Se a guerra social fosse simplesmente uma questão de forças se chocando com forças, o governo grego poderia ter bombardeado todos os squats e ocupado as universidades que serviam como pontos para organizar as revoltas; isso não podia ser feito porque suas mãos estavam amarradas pelos liberais e pelo medo de transformar liberais em radicais.

Com isso não queremos diminuir a importância da coragem daqueles que se chocaram com o Estado em um conflito aberto, mas queremos enfatizar que os conflitos não acontecem *entre grupos*, mas *nas sociedades*. Toda sociedade é formada por correntes conflitantes, que competem não só na sociedade como um todo, mas também dentro dos indivíduos que a constituem; os momentos de rupturas que ocorrem entre

os indivíduos não são menos importantes dos que os que acontecem entre as classes. A ação insurrecionária mais eficaz não somente abre as linhas de ruptura que dominam a sociedade, ela também obriga os indecisos a tomarem lados – e de acordo com seus próprios interesses, ao invés dos interesses de seus carrascos.

As consequências da luta revolucionária não são decididas pelos revolucionários ou autocratas, tanto quanto são pelos em cima do muro que estão entre eles. O equilíbrio do poder é determinado de acordo com o lado do muro que escolherão quando forem obrigados a fazê-lo. Revolucionários ignoram isso por sua conta e risco.



Infraestrutura Versos (riscar) Igual Confronto

Não é nem a persuasão das ideias abstratas, nem a condição de classe sozinhas, que faz as pessoas se somarem na luta contra a hierarquia. É a vivência de soluções anárquicas para problemas da vida, o desenvolvimento e a satisfação dos desejos anárquicos. A necessidade de se revoltar, de destruir, de se vingar é apenas um desses vários desejos.

Liberais e outros que se opõem a luta revolucionária frequentemente colocam falsas dicotomias entre se inserir nas comunidades e se somar a confrontos libertários. Alguns insurrecionários, de maneira precipitada aceitaram essa dicotomia, defendendo a segunda opção em detrimento – talvez com medo – da primeira. Dez anos atrás, militantes anarquistas debateram em torno da estrutura conceitual de violência “versus” não-violência; agora o pêndulo está no outro extremo, e são os insurrecionários que insistem que ataque é diferente de organização popular.

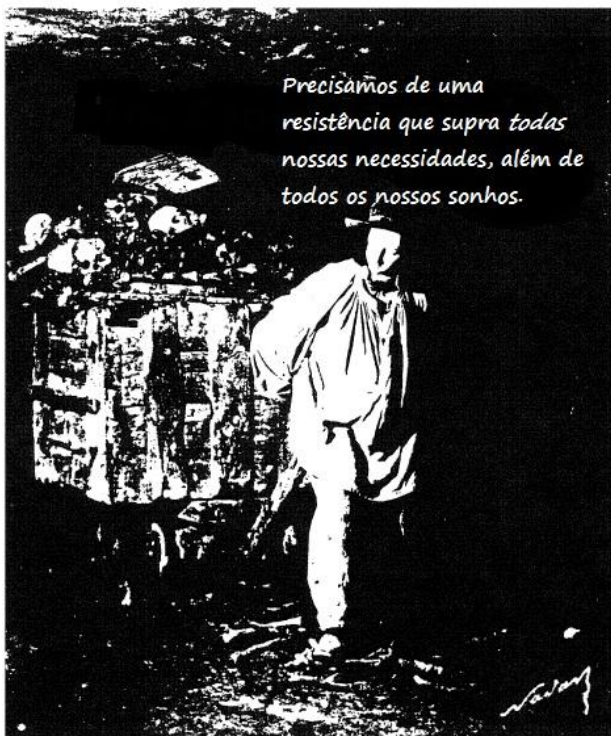
Ao contrário, “organização popular” e organizar ofensivas são muito mais eficazes quando andam juntas. Confrontos permanentes, organizações descentralizadas, e todos os outros preceitos insurrecionários podem servir muito bem em lutas locais e populares.³¹ Combinar abordagens de infraestrutura e confrontacionais não significa trabalhar numa biblioteca social durante o dia e quebrar janelas de bancos à noite, mas antes, unificar as duas abordagens num mesmo projeto. Isso não é complicado – como o mundo inteiro nos foi tomado, somente precisamos tomar de volta algumas coisas que deveriam ser nossas, e então entramos em conflito com o Estado. Se os anarquistas já não fazem isso com frequência talvez seja porque é sempre mais assustador tentar fazer o que mais se deseja, o que se sabe que deveria estar sendo feito.

Existe algum terreno baldio que poderia estar servindo como um jardim comunitário? Transforme-o em um e mobilize força social o

suficiente para que o dono ache mais conveniente deixá-lo assim. Existe algum colega de trabalho sendo assediado ou demitido? Traga todo o poder de sua comunidade para lutar contra o patrão. Existem produtos no supermercado ou na universidade que estariam melhor no seu bairro? Descubra pessoas confiáveis, maneiras de distribuí-los e tome-os! Para realizar essas tarefas você deve passar muito mais tempo construindo relacionamentos e credibilidade do que saindo por aí com máscaras – mas não existem atalhos na guerra social.

Isso não é nada menos do que o projeto de *começar nossas vidas*, eternamente adiado com todo o tipo de desculpas meia-boca e justificações argumentativas tortas. Em nossas verdadeiras vidas, somos guerreiros que lutam por nós mesmos e por nossos companheiros, e que retomam o território de nossa existência cotidiana, ou ao menos tentamos. Nada menos que isso é digno de nós.

Não é nem a persuasão das ideias abstratas nem a posição de



*Precisamos de uma
resistência que supra todas
nossas necessidades, além de
todos os nossos sonhos.*

classes sozinhas que faz as pessoas se somarem à luta contra a hierarquia. É a *vivência* de soluções anárquicas para problemas da vida, o desenvolvimento e a satisfação dos desejos anárquicos. A necessidade de se revoltar, de destruir, de se vingar são apenas algumas dessas necessidades; se a abordagem insurrecionária conseguir supri-las, melhor ainda. Mas precisamos de uma resistência que supra *todas* nossas necessidades, além de todos os nossos sonhos.



ACHEM UNS AOS OUTROS



Retornando dos motins contra a reunião da União Européia em Gothenburg, ativistas de Estocolmo começam a pensar em maneiras de iniciar lutas mais perto de casa. De início, o panorama é esmagador: quando você está tentando confrontar o sistema em sua totalidade, por onde você começa?

Enquanto isso, as passagens do metrô de Estocolmo aumentam de 450 pra 500 kronor. Um dia, provavelmente a caminho de uma reunião, uma jovem ativista escapa por pouco de ser multada por sonegação de tarifa. Como a maioria de seus amigos, ela simplesmente não tem como pagar a nova passagem, e tem que se arriscar pulando a catraca cada vez que ela sai. Na maioria das vezes ela consegue escapar, mas se for pega da próxima vez, ela terá de pagar 1.200 kronor.

Ela reflete sobre como muitos outros devem partilhar a sua situação, cada um travando uma guerra de guerrilha individual contra as autoridades do transporte. Parece haver um sindicato pra tudo na Suécia – mas quando se trata de táticas cotidianas, pelas quais as pessoas realmente sobrevivem, elas ainda precisam se virar sozinhas.

Eis a ideia. Um sindicato dos caloteiros-justos.

Centenas de pessoas se juntaram. A contribuição é de 100 kronor por mês, 80% mais barato do que 1 mês de passagens, e se você ficar preso o sindicato paga sua multa. E o mais importante, os caloteiros-justos não são uma ação isolada, mas uma revolta coletiva. Os caloteiros-justos se vêem como uma força social, tendo orgulho de suas ações e convidando outras pessoas a participar; o sindicato também adverte aos viajantes membros do movimento dos impositores de passagem, dando-lhes incentivos extras para não pagarem passagens, mesmo se não se tornarem membros contribuintes do sindicato. Ao invés de tentar persuadir os outros a se unirem a sua causa, os fundadores do sindicato encontraram uma maneira de juntar pessoas sob a resistência em que elas já estão envolvidas: atualmente todos os caloteiros-justos são revolucionários em potencial e se veem como tal.

Depois que alguns meses se passaram e alguns membros terem sido presos por evasão, percebe-se que o sindicato está operando com lucro. Com o dinheiro extra os participantes produzem revistas de propaganda colorida, incitando a população a se somar numa guerra aberta contra as passagens do transporte público, e também começam a matutar os próximos passos. Quais outras linhas de ruptura existem na sociedade sueca? Como outras revoltas individuais podem ser transformadas em poder popular – não na tentativa de barganhar com as autoridades, mas na tentativa de derrotá-las?

Para mais informações sobre o sindicato dos caloteiros-justos, veja <http://planka.nu/>

Anarquismo sem Adjetivos

Sob uma perspectiva de libertação *excessiva*, não existem formas de lutas superiores. A revolta precisa de tudo, jornais e livros, armas e explosivos [...] O único problema que nos interessa é como *mesclá-los*.

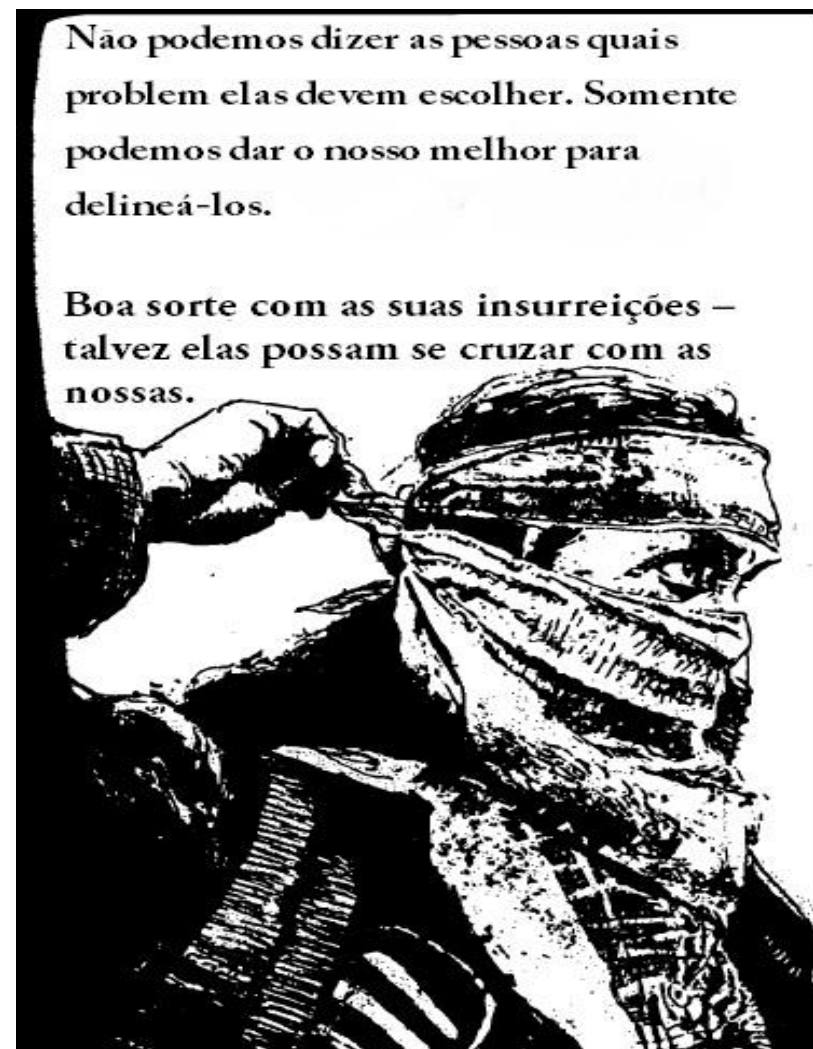
Ai Ferri Corti

Se nunca nos autodeclaramos insurrecionários não é porque não desejamos a insurreição, mas porque nosso temperamento nos inclina em direção a um anarquismo sem adjetivos. A questão que mais importa é lutar pela liberdade e contra as hierarquias; acreditamos que isso exigirá diferentes abordagens em diferentes situações e que estas abordagens podem precisar umas das outras para ter sucesso. Somos anarco-sindicalistas nos chãos das fábricas, anarquistas-verdes nas florestas, anarquistas sociais em nossas comunidades, individualistas quando estamos sozinhos, anarco-comunistas quando existe algo para ser compartilhado, insurrecionários quando começamos uma luta.

O anarquismo sem adjetivos não somente se recusa a priorizar uma abordagem às custas das demais, mas enfatiza a importância de cada aspecto do anarquismo de seus supostos opositores. O motim precisa da venda de bolos para que aconteça novamente, as sabotagens precisam de campanhas públicas para serem compreendidas, os saques de supermercados precisam da distribuição das mercadorias no bairro.

De toda forma, toda dicotomia é uma falsa dicotomia, cobrindo não somente os traços comuns, mas também as outras dicotomias com que se pode experienciar em seu lugar. Em um olhar mais atento, insurrecionalismos vitoriosos parecem ser tão dependentes de “construções populares” e mesmo do “anarquismo de estilo de vida”³² que na prática, se tornam indistinguíveis. Se removermos essas distinções, quais outras distinções podem surgir no seu lugar? Quais outras questões poderíamos formular?

Com isso não queremos dizer que indivíduos anarquistas não podem focar nas suas habilidades particulares e nas suas estratégias preferidas; moldar as preferências individuais como universais é um erro. No fim das contas, como sempre, aparece a questão de quais os problemas você quer enfrentar, quais falhas você se sente mais apto a superar? Você prefere lutar contra hierarquias invisíveis em organizações informais, ou enfrentar a inércia embrutecedora de organizações formais? Você preferia agir precipitadamente ou não agir? O que é mais importante para você, segurança ou visibilidade – e qual desses você acha que o manterá mais seguro a longo prazo?



Notas

1 Traduzido de “Say you Want an Insurrection” na revista Rolling Thunder #... ano Por *Hurrah*: célula anarquista anti-civilização, 2012 (N.da T.).

2 Como Flores Jensen afirma, “O yomango, para nós anarquistas, além de uma estratégia de sobrevivência dentro da sociedade Capitalista Industrial Avançada (estágio atual da Civilização) é também uma estratégia para sua transformação. É uma estratégia de sobrevivência pois permite-nos ter acesso a alguns bens necessários à manutenção da vida – comida, roupas, diversão (pode-se roubar um filme, ou entrar pela entrada dos fundos de um teatro), abrigos (de certa forma squats, ocupações e assentamentos são estratégias que vão na mesma linha do yomango) – sem passar pela mediação monetária, ou sem se submeter à escravidão assalariada, ao menos, não tão intensamente.” Erico Flores Jensen, *Yomango: Sobre suas Potências e seus Limites* No prelo. (N.da T.).

3 Propaganda pelo Ato, também conhecida como Propaganda pela Ação é uma concepção estratégica anarquista que foi muito popular entre xs ilegalistas (Sobretudo na França, Rússia e EUA) do final do século XIX, início do século XX. Consiste basicamente na realização de uma ação de grande visibilidade a fim de que esta se torne referência e inspiração para outras ações semelhantes e/ou complementares implementadas por outros grupos e indivíduos. (N.da T.).

4 Jules Bonnot foi um anarquista francês nascido no fim do século XIX. Fundou junto com outros companheirs uma organização anarquista clandestina, que praticava ações criminosas (assaltos e fraudes) contra as elites francesas nos anos de 1911 a 1913, de modo a levantar fundos para a construção de projetos revolucionários. A mídia burguesa os apelidou de Bando Bonnot [*La Bande à Bonnot*] (N.da T.).

5 Luigi Galleani (1861-1931) foi um militante anarquista. Produziu teoria e reflexões em torno do anarquismo e da ação direta violenta insurrecionária. Atuou na Itália na segunda metade do século XIX e nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX. O círculo de ativistas que se organizavam ao seu redor e compartilhavam de suas ideias eram conhecidos como *galleanistas* e foram responsáveis por uma série de ações diretas de sabotagem e atentados a bomba contra os poderes estatais e econômicos nos Estados Unidos. Foi deportado para a Itália durante o regime fascista de Benito Mussolini. (N.da T.).

6 Alfredo Maria Bonanno (nascido 1937 na Catania, Itália) é um dos principais teóricos e militantes do anarquismo insurrecionário contemporâneo. É redator da revista *Provocazione y Anarchismo* desde a década de oitenta. Em 4 de outubro de 2009, Bonanno foi preso junto com o anarquista grego Christos Stratigopolous

em Trikala, na Grécia Central, acusados de um assalto a banco. Na época, Bonanno tinha 70 anos de idade. Após pagar 46,900 euros e passar mais de um ano na prisão, Bonanno foi solto. Alguns de seus principais textos como *Prazer Armado* e *A Tensão Anarquista* podem ser encontrados em ervadaninha.sarava.org. (N.da T.).

7 Jean Weir é um anarquista estadunidense contemporâneo. É responsável pela Elephant Editions, um coletivo editorial insurrecionário. Para saber mais, acesse: <http://www.elephanteditions.net/> (N.da T.).

8 – Disponível em ervadaninha.sarava.org e <http://www.midiaindependente.org/en/red/2007/12/406565.shtml> (N.da T.).

9 Esse texto encontra-se disponível em português, na coletânea *Urgência das Ruas*, Ludd, N. (Org.). São Paulo: Conrad, 2002. (N.da T.).

10 Comitê Invisível, *A Insurreição que Vem*, em português. Obra ainda inédita no Brasil. Mas já circula um pdf em português de Portugal, com uma tradução duvidosa, mas que serve como um ponto de partida. Apesar de tanto *Tiqqun*, quanto o *Comité Invisible* serem coletivos clandestinos pautados no anonimato, especula-se que exista uma ligação entre ambos. Para um debate mais aprofundado: <http://www.tiqqun.info/>, <https://tiqqunista.jottit.com/>; <https://tiqqun.jottit.com/>; <http://www.archive.org/details/Tiqqun1> (N.da T.).

11 – Crimethinc, *Dias de Guerra, Noites de Amor*. Porto Alegre: Editora Deriva, 2011. (N.da T.).

12 – Uma fração da cena Hardcore/Punk que surge nos EUA em meados dos anos oitenta. Inspirados em bandas como Minor Threat, SSD e DYS, defendem uma vida livre de drogas e adotam o Veganismo [postura filosófica que se opõe ao especismo e à exploração animal, não consumindo nenhum produto oriundo dessas práticas, como carnes, ovos, laticínios, produtos testados em animais...]. (N.da T.).

13 – A Queer Youth Network (Q.Y.N.) é uma organização sem fins lucrativos que se propõe a ajudar crianças, adolescentes e jovens gays, lésbicas, bissexuais e transexuais, em Londres. Acesse: <http://www.transyouth.org/> (N.da T.).

14 Assumir causas comuns com outros sem saber os comprometimentos na base de suas ações aparentemente subversivas é arriscado em vários níveis. Os Situacionistas usaram a revolta de Watts para afirmar que suas ideias “já estavam na cabeça de todo mundo”. Na melhor das hipóteses foi um exagero; na pior, uma maneira de clamar pelo direito de falar em nome daqueles que só podiam falar

em nome dos seus interesses através da ação. Podemos celebrar ações rebeldes que acontecem fora de nossas comunidades, mas alianças significativas demandam relacionamentos reais. Claro, certas práticas insurrecionárias podem simplesmente criar hierarquias de acordo com critérios diferentes. (Nota da Crimethinc).

15 Noite dos Cristais (do alemão alemão Kristallnacht) é o nome popularmente dado aos atos de violência que ocorreram na noite de 9 de novembro de 1938 em diversos locais da Alemanha e da Áustria. Numa única noite, 91 judeus foram mortos e cerca de 25.000 a 30.000 foram presos e levados para campos de concentração. 7500 lojas judaicas e 1600 sinagogas foram reduzidas a escombros. (N.da T.).

16 É muito comum nos eixos anglo-saxão e europeus grupos de auxílio e organizações que prestam solidariedade à presos políticos. Dentre os mais notórios encontram-se a Anarchist Black Cross [Cruz Negra Anarquista] e o Books Through Bars [Livros Pelas Grades]. Além disso, revistas como a Green Anarchy são disponibilizadas gratuitamente para presos e possuem um espaço para que eles possam expressar suas opiniões. Para saber mais e ajudar, acesse: <http://booksthroughbars.org> e <http://www.abcf.net/> (N.da T.).

17 “É melhor saquear que yomangar, emboscar do que snipear, fazer greve do que ligar pro trabalho dizendo que está doente, começar uma revolta do que começar um ato de vandalismo... Atos cada vez mais coletivos e coordenados contra este mundo de coerção e isolamento não são apenas uma questão de efetividade, mas igualmente uma questão de sociabilidade – de comunalismo e diversão.” *War on Misery* [Guerra Contra a Miséria]#3 (Nota da Crimethinc).

18 Cultura de Segurança é um conjunto de costumes partilhados por uma comunidade cujos membros podem se engajar em atividades ilegais ou delicadas; essas práticas minimizam os riscos dessa atividade ser desvirtuada ou descoberta pelas autoridades. Para mais, veja ervadaninha.sarava.org/culturaseg.html (N.da T.).

19 Tratam-se de 8 ativistas acusados de “conspiração terrorista”, detidos durante as manifestações do Comitê de Boas-Vindas a Convenção Nacional Republicana de 2008. Para mais informações: <http://rnc8.org/> (N.da T.).

20 Operation BackFire é uma investigação internacional liderada e iniciada pelo FBI em 2004, que visa investigar e prender membros da Animal Liberation Front (ALF) e Earth Liberation Front (ELF) sob acusação de eco-terrorismo. Focando principalmente em Eugene, Oregon (EUA). Veja: <http://www.greenscare.org/#top> (N.da T.).

21 Não adianta nada somente os réus da Operation Backfire, que honrosamente se conduziram, serem os únicos que ainda estão envolvidos em organizações ativistas e comunidades subculturais. (Nota da Crimethinc).

22 Tratam-se de nove militantes libertárixs acusadxs de sabotagem e terrorismo. Em 2008, 9 militantes foram presos acusados de sabotar um trem em Tarnac, França. Para saber mais e apoiar, acesse: <http://tarnac9.wordpress.com/>

23 As “zonas de opacidade” seriam territórios de resistência, ocupado pelos grupos subalternos de modo a torná-lo “invisíveis” para as forças do Estado e do Capital. Segundo o Comité Invisible “A questão do território não se coloca para nós da mesma maneira que para o Estado. Não se trata de possuí-lo. Trata-se de densificar localmente as comunas, as circulações e as solidariedades, ao ponto de tornar o território ilegível e opaco para qualquer forma de autoridade.” [in *A Insurreição que Vem*; p. 116]. Apesar da crítica ácida da Crimethinc, trata-se de um conceito/estratégia bastante interessante. (N.da T.).

24 Students for a Democratic Society (SDS) foi uma organização estudantil estadunidense fundada nos anos 1960. Um dos ícones da *Nova Esquerda* estadunidense. (N.da T.).

25 Os autores se referem aqui ao movimento anti-guerra que se seguiu após os atentados de 11 de setembro, se contrapondo à invasão estadunidense ao Iraque. (N.da T.).

26 Québécois, termo amplo que pode se referir tanto para aqueles que nascem em Quebec, quanto para os nascidos em Quebec que falam francês. (N.da T.).

27 Alguns críticos questionam o direito de um grupo predominantemente branco ou masculino de iniciar motins, mas pessoas de todas as proveniências têm o direito de lutar pela libertação em nome próprio, contanto que não façam isso de uma maneira que comprometa outros. Os detalhes sobre o início de confrontos sem comprometer os outros são complicados o suficiente, e exigiriam uma análise ainda mais profunda do que a presente para explorá-las. (Nota da Crimethinc).

28 Nem todos os insurrecionários se encaixam nesse perfil, mas alguns certamente sim. (Nota da Crimethinc).

29 Falando em representação, anarquistas brancos devem ter cuidado para não exotizar e erotizar a violência em comunidades pobres não-brancas. Isso já acontece no consumismo do hip-hop, onde capitalistas racistas matam dois coelhos com uma cajadada só, ao lucrar com a representação de pessoas negras

passando a imagem de violentas e libidinosas. Insurrecionários de classe média, ansiando por companheiros, podem inconscientemente imaginar que personagens estereotipados dos vídeos de hip-hop possam ser seus aliados de classe na guerra social. (Nota da Crimethinc).

30 Compare isso com a fácil oposição à “civilização” pronto-acabou, adotada pelos primitivistas linha-dura (Nota da Crimethinc).

31 Por exemplo, um dos casos clássicos de ações insurrecionárias mencionadas por Alfredo Bonnano foi a campanha para impedir a construção de uma base militar estadunidense em Comiso, na Itália. Anarquistas ajudaram a formar grupos autônomos na comunidade, que apesar de não serem ideologicamente identificados, funcionavam sobre princípios insurrecionários: um compromisso em impedir a construção da base por todos os meios necessários. (Nota da Crimethinc).

32 Trata-se de uma *fábula* criada por Murray Bookchin. De acordo com a cosmologia bookchiniana, existe um “abismo intransponível” que separa o “anarquismo social” do “anarquismo de estilo de vida”. Trata-se de uma falsa dicotomia que visa marginalizar aqueles anarquistas que, além de se organizarem socialmente em suas comunidades, se esforçam para construir relações horizontais e libertárias, além de combater as hierarquias e os micro-fascismos do cotidiano. (N.da T.).

